

UMA ECONOMIA RESTAURADORA

COMPLETANDO NOSSO INACABADO JUBILEU DO MILÊNIO

“Seu povo reconstruirá as velhas ruínas e restaurará os alicerces antigos; você será chamado reparador de muros, restaurador de ruas e moradias.” Isaías 58:12 (NVI)



Foto: Warren Allott/Tearfund

Anos dourados, ou anos sombrios?

Em 2050, quando nós – ou nossos filhos – olharmos para o tipo de mundo que tivermos moldado durante nossa vida e legado a nossos descendentes, o que veremos?

Sob muitos aspectos, estamos vivendo anos dourados. Os últimos 25 anos testemunharam o que o economista Branko Milanovic denomina “provavelmente o rearranjo mais profundo da situação econômica dos povos desde a Revolução Industrial.”¹

Milhões de famílias em todo o mundo realizaram uma “grande fuga” da pobreza. A expectativa de vida está aumentando, doenças como a malária e o sarampo estão retrocedendo, e mais crianças estão na escola do que nunca. A população mundial está se estabilizando devido ao progresso em áreas como os serviços de saúde reprodutiva, direitos da mulher e a educação das meninas. E o número de crianças que morrem a cada dia reduziu-se à metade desde 1990: isso significa que 17.000 crianças a mais, a cada dia, agora viverão para realizarem suas potencialidades.²

Cada vez mais mulheres e homens têm agora a chance de sustentar suas famílias, perseguir seus sonhos e experimentar uma vida livre de pobreza. Milhões de empresas foram formadas, e novos empregos foram criados, enquanto um

número crescente de pessoas tornaram-se capazes de realizar o seu potencial criativo. Na Tearfund, tivemos o privilégio de acompanhar milhões dessas famílias, com as quais compartilhamos problemas e celebramos sucessos.

Mas esses anos dourados ainda não se estendem a toda a gente. Um bilhão de pessoas permanece aprisionado numa camada inferior, predominantemente em zonas de guerra e áreas sem governo do mundo, onde elevar-se da pobreza é mais difícil do que nunca.³ Tal subida continua perigosa e precária, e um grande número daqueles que ascenderam recentemente permanece vulnerável: uma escorregadela ou crise pode mergulhá-los de volta na pobreza. Vemos igualmente uma crescente vulnerabilidade nos países desenvolvidos, à medida que as redes de segurança são desgastadas e os salários estagnados.

Fundamentalmente, não considerar como garantida a futura extensão desses anos dourados até as gerações dos nossos filhos e netos. Na verdade, acreditamos que haja um risco maior hoje do que o que esteve presente por muitos anos.

Isso se deve a um paradoxo: em nosso modelo atual, quanto mais temos sucesso em nosso desenvolvimento econômico, mais falhamos na sustentabilidade ambiental. Os sistemas de suporte de vida da terra estão agora sendo esticados ao ponto de ruptura. O Centro de Resiliência de Estocolmo recentemente concluiu que as alterações ambientais que vimos nos últimos 60 anos (desde mudanças no uso da terra até a poluição pelo nitrogênio, a utilização da água, as mudanças climáticas) são sem precedentes nos últimos 10.000 anos. Estamos, de fato, no meio do sexto evento de extinção em massa na história do planeta – o primeiro a ser causado por uma única espécie.⁴

Na Tearfund, já estamos vendo as consequências para aqueles com quem trabalhamos. Em todo o mundo, mais de um bilhão de seres humanos vive em bacias hidrográficas onde o uso da água pelas pessoas excede limites sustentáveis, e outros milhões estão sujeitos a chuvas cada vez mais erráticas, à medida que se acelera o ritmo das alterações climáticas.⁵

Estamos também cientes de que a escassez de recursos fundamentais – tais como água ou alimentos – é muitas vezes exacerbada pelas disparidades no poder de compra e no poder político. Muitos dentre nós estão usando muito mais do que sua cota justa de água, terra, energia e outros recursos, por vezes excluindo, devido aos altos preços, as pessoas pobres do mercado desses bens essenciais. Pesquisas recentes mostram que os um por cento das pessoas mais abastadas do mundo possuem hoje aproximadamente tanta riqueza quanto o resto da humanidade reunida.⁶ Se esta crescente desigualdade se traduzir em diferenças de poder de compra e poder político – ao invés de estimular uma crescente generosidade – isso tornará a vida muito mais difícil para muitos dos mais pobres do planeta.

Acreditamos que os anos dourados do presente *podem* estender-se a todos e às gerações futuras. Mas nosso caminho atual não nos levará a esse destino: pelo contrário, esse caminho nos levará, finalmente, ao colapso dos sistemas de suporte de vida do planeta Terra, com a fragmentação de países e comunidades. A menos que mudemos o curso que estamos seguindo, destruiremos tudo aquilo para o qual – nós, na Tearfund, juntamente com nossos colaboradores, parceiros e, acima de tudo, pessoas pobres em todo o mundo – arduamente temos trabalhado para conseguir.



A linha do horizonte em constante mudança de Nairobi reflete o crescimento econômico, que cria empregos e ajuda as pessoas a escapar da pobreza. Foto: WL Davies/iStock

O custo humano das alterações climáticas

A parceira da Tearfund United Mission to Nepal – UMN (Missão Unida do Nepal) vem trabalhando com pessoas pobres em zonas rurais há 60 anos, ajudando-as a melhorar a produção agrícola. Entretanto, as mudanças climáticas vêm tornando isso cada vez mais desafiador.

Até recentemente, Bageshori e Gobardhan Joshi cultivavam alimentos básicos em seu pequeno terreno no distrito de Bajhang. Porém, as monções cada vez mais erráticas os deixaram quase incapazes de alimentar sua família durante sete meses do ano. A UMN foi capaz de ajudar o casal a ganhar a vida e alimentar sua família mudando para o cultivo de vegetais e gerenciando sua utilização da água.

No entanto, mesmo leves alterações nos padrões de temperatura e precipitação podem ter um grande impacto sobre os agricultores pobres; por isso mais alterações climáticas poderiam ter um impacto devastador sobre Bageshori e Gobardhan – e milhões como eles.



A pequena cidade de Basey, em Samar, nas Filipinas, foi destruída pelo tufão Haiyan, em 2013. Foto: Marcus Perkins/TeaFund

Como as mudanças ocorrem

Mas há uma alternativa. Outro caminho, mais estreito, nos levará a um lugar onde a pobreza é eliminada, onde mudanças climáticas catastróficas são evitadas, e onde todos os seres humanos – e até mesmo todas as espécies com as quais compartilhamos este mundo – terão a chance de florescer.

No momento, esse caminho alternativo não pode ser escolhido para nós pelos nossos líderes eleitos. O excesso de inércia nos arrasta ao longo do nosso caminho atual. Existem muitos interesses cujo incentivo é bloquear tal mudança. Nossos sistemas de governança não estão adequadamente adaptados para lidar com os problemas interligados que enfrentamos agora. Talvez, realmente, muitos de nós ainda não estejam convencidos da necessidade de uma mudança radical.

“Outro caminho, mais estreito, leva a um lugar onde todos os seres humanos têm a chance de florescer”

Este é um momento no qual a observação de Tolstoy em *Guerra e Paz* soa bastante verdadeira, de que “com maior frequência, o navio de Estado muda de rumo unicamente porque as marés estão se deslocando extensamente debaixo dele.”⁷

Examinando o passado em momentos cruciais da história, é evidente que as marés muitas vezes se alteram por causa do surgimento de um movimento em prol de uma mudança. No momento, precisamos de um movimento assim, que siga os passos dos ativistas antiescravidão, do movimento de direitos civis dos Estados Unidos e de todos os outros exemplos de heróis comuns – cristãos, pessoas de fés diferentes, ou de nenhuma fé – que juntos atingiram o impossível. Esses movimentos enfrentaram adversidades quase intransponíveis, mas as superaram.

Cada um desses movimentos centrava-se num conjunto de valores superiores: a crença firme de que nenhum ser humano deveria ser propriedade de outro, ou de que homens e mulheres foram todos criados iguais. E eles alicerçavam tais valores tanto na ação pessoal como em exigências concretas de políticas governamentais – frequentemente tirando partido das oportunidades que seguem os choques econômicos, sociais ou ambientais.

O que deu aos movimentos de maior sucesso a motivação e a coragem de que precisavam para enfrentar os interesses constituídos e o público às vezes hostil que se opunha à mudança? Acima de tudo, cremos nós, foi a *história compartilhada*.

O que necessitamos é de histórias que ajudem o povo e as sociedades a entenderem onde estão, como foram parar ali, aonde estão tentando ir e como conseguir a mudança. Histórias que definam nossa visão do mundo e tenham o potencial de *criar* a nossa realidade, tanto quanto a descrevam. Histórias como as parábolas de Jesus, ou como as que Churchill contou à Grã-Bretanha em 1940. Histórias que combinem um realismo inabalável, uma visão profundamente esperançosa do futuro e, acima de tudo, uma perspectiva grandemente revitalizante daquilo de que as pessoas são capazes.



Militantes da campanha contra a dívida vão às ruas com o Jubileu 2000. Foto: Richard Hanson/Tearfund

Hoje, precisamos de histórias que nos ajudem a pensar em termos de *nós em tamanho grande* – uma ideia que passe de “gente – como nós” para simplesmente “gente – como nós”. Um *futuro mais longo* – que ultrapasse o próximo ciclo de notícias, o próximo trimestre financeiro, as próximas eleições – ocupando-se, em vez disso, das gerações vindouras. E uma *“vida boa” ainda melhor* – a compreensão de que segurança, consumo e bem-estar não são três palavras que signifiquem a mesma coisa.

Uma história diferente

Acreditamos que podemos encontrar exatamente essa história no conceito bíblico do Jubileu: uma história que tem sido e continua a ser até agora uma fonte de esperança e inspiração para gerações de militantes.

A campanha *Jubileu 2000* baseou-se nessa história. Ela obteve feitos extraordinários, com a dívida dos países de baixa renda caindo de cerca de 75 por cento de sua renda nacional em 2000 para pouco mais de 25 por cento hoje. E mostrou como a ideia bíblica do Jubileu teve a força de reunir cristãos, pessoas de fés diferentes e pessoas sem fé alguma.

Porém a ideia de um Jubileu vai muito além do cancelamento de débitos.

“Jubileu: uma história que tem sido uma fonte de esperança e inspiração para gerações”

Ela fala da *restauração ambiental*. Cada ano de Jubileu era também um ano de Sábado – um período de “descanso solene para a terra”. Os jubileus relacionavam-se à suficiência, ao reconhecimento de limites, à necessidade de descanso para a criação de Deus. Eles representavam o reconhecimento de que a terra e, por extensão, o resto da criação natural, pertencem a todos nós e, em última instância, a Deus (Levítico 25:23; Salmo 24:1). Como diz Chris Wright: “As leis do Jubileu de Israel regulamentavam a posse e o uso da terra dos israelitas, para que ela fosse sustentável e assim pudesse existir *shalom* (isto é, paz) na Comunidade”.⁸

A ideia do Jubileu enfatiza também o *descanso para aqueles que vivem na pobreza*. A liberdade era proclamada por toda a terra; todos, escravos incluídos, tinham permissão de voltar para casa. Ninguém podia emprestar dinheiro a juros aos necessitados ou vender-lhes comida com fins lucrativos. Embora os mercados e o comércio fossem permitidos, os princípios do Jubileu visavam garantir que o bem-estar humano não fosse subserviente a esses mercados. E, se tais princípios fossem seguidos corretamente, o resultado, segundo Deuteronômio 15:4, seria: “Assim, não deverá haver pobre algum no meio de vocês”. Da mesma forma, mais adiante entre a igreja primitiva, não havia pessoas necessitadas na comunidade descrita em Atos 4.

Finalmente, a ideia do Jubileu proclama a necessidade de uma *distribuição justa da riqueza*. Deus diz a Moisés: “A terra não poderá ser vendida definitivamente, porque ela é minha, e vocês são apenas estrangeiros e imigrantes. Em toda terra em que tiverem propriedade, concedam o direito de resgate da terra” (Levítico 25:23–24). Isso significava uma restauração gerenciada da posse da terra: como coloca o autor Kim Tan: “a cada cinquenta anos, cada família tinha a oportunidade de começar tudo de novo – livre de dívidas e na posse de sua própria terra.”⁹

A ideia do Jubileu está intimamente ligada à restauração de bons relacionamentos entre Deus, os seres humanos e a criação.

Quando os seres humanos agem com sabedoria, fundamentados em amor e justiça inabaláveis, sua forma de agir está de acordo com a unidade e a integridade da criação (*shalom*). Mas os fios dessa teia crucial de relacionamentos podem ser revelados como resultado daquilo que a Bíblia chama de “iniquidade” – por exemplo, através da idolatria (adorar coisas ao invés de Deus), injustiça ou ignorância. Quando isso acontece, o resultado é um dano catastrófico, como diz Isaías: “A terra pranteia e se murcha” (Isaías 24:4).

A história geral da Bíblia – da queda em Gênesis, passando pela morte e ressurreição de Jesus, até a chegada do Reino de Deus na terra no Apocalipse – é uma história sobre a reparação de relacionamentos rompidos através do processo de *expiação*.

Expiação é o elemento central do Ministério de Jesus – um ato de sacrifício pessoal, destinado tanto a lidar com o pecado como a dar início à “vinda do Seu Reino” sobre a terra. Expiação significa reatar relações antes despedaçadas; significa cura, reconciliação e paz no sentido mais amplo.

Expiação é também uma ideia muito prática, que encontra a sua expressão política e econômica no Jubileu. Jubileus e a ideia a eles intimamente ligada dos *Sábados* (a cada sete dias e a cada sete anos) estabeleciam procedimentos concretos para corrigir os desequilíbrios econômicos, sociais e ambientais – na verdade, forneciam um manual de instruções sobre como construir e manter uma *economia restauradora*.

A economia restauradora

Tudo isso nos faz pensar: como ficariam as coisas, se organizássemos nossa economia no século XXI de acordo com a ideia do Jubileu? Nós mantemos que uma economia restauradora:

- **Garantirá que vivamos dentro dos limites ambientais** – para que nossa economia funcione em favor, em vez de contra a criação que Deus nos deu. Acreditamos que a abundância da terra pertence a *todos* nós e, em última instância, a Deus. E isso vem com a responsabilidade de gerenciá-la cuidadosamente e, também, de dividir os lucros dessa riqueza natural *com justiça*, da mesma forma pela qual os jubileus reorganizavam a propriedade da terra numa base per capita igual.
- **Garantirá que todos possam satisfazer suas necessidades básicas** – fornecendo um ambiente propício e piso básico de segurança e proteção a cada uma dos 7 bilhões de pessoas no mundo, a fim de que cada ser humano possa florescer e realizar suas potencialidades.
- **Manterá a desigualdade dentro de limites razoáveis** – incluindo tanto a desigualdade de renda quanto a desigualdade de riqueza a nível nacional e internacional. A economia restauradora prestará igualmente especial atenção ao fato de que a riqueza *natural* (como a terra ou a capacidade da atmosfera para armazenar emissões) representa uma herança compartilhada de Deus – e que todos nós, portanto, devemos compartilhar seus benefícios.

Mais amplamente, uma economia restauradora depende de uma *vida restauradora* – na qual toda a sociedade está envolvida na reparação da criação, tirando partido das oportunidades para serem todos produtores, ao invés de apenas consumidores passivos; construindo comunidades robustas, que sejam criativas e em cuja integração encontrem prazer, restabelecendo laços de companheirismo e amizade.

Muitas das mudanças necessárias envolvem sacrifício – mas também, paradoxalmente, nos oferecem a oportunidade de viver mais plenamente, da mesma forma que nossa resposta ao convite de Paulo para sermos “sacrifícios vivos” nos traz a oportunidade de nos transformarmos (Romanos 12:1). Para viver assim, precisamos escolher o não conformismo com os padrões de estilo de vida ao nosso redor e levantar nossas vozes em testemunho contra as injustiças que vemos à nossa volta: as violações do relacionamento correto com Deus, uns com os outros e com a criação. Em suma, precisamos oferecer uma nova abordagem de tudo que nos cerca. Se pudermos enfrentar o desafio, então, a força de nossas ações e palavras terá poder profético real.



Maguhudze e o sobrinho Lucky estão beneficiando-se com a maior produtividade agrícola graças às simples técnicas de agricultura sustentável e de conservação que aprenderam com o parceiro da Tearfund, River of Life, em Zimbábue. Foto: Eleanor Bental/Tearfund

A mudança começa com nosso estilo de vida

A lição a ser aprendida com os movimentos anteriores em prol de mudanças é que as políticas governamentais e normas sociais só refletem valores renovadores quando tais valores são exemplificados nas demandas – e estilos de vida – de um movimento apaixonado. Na prática, nós identificamos cinco áreas que cada um de nós precisa examinar em sua própria vida:

- 1. Viver dentro de nossa cota justa dos recursos e limites ambientais do mundo** – especialmente em quatro áreas-chave: *alimentos* (a dieta que consumimos e o que jogamos fora); *viagens* (se usamos um carro ou transportes públicos, e o quanto usamos transportes aéreos); *moradia* (de onde vêm a energia e a refrigeração ou aquecimento que usamos, qual é a eficiência energética de nossa moradia); e finalmente *objetos* (aqui precisaremos repudiar a ideia de que “somos o que compramos” e, em vez disso, passar a consumir menos).
o que ajudou, em anos recentes, a introduzir a questão do cancelamento da dívida dos países em desenvolvimento na agenda política. Hoje, podemos continuar essa tradição de muitas outras formas, como por exemplo: o “ativismo de acionistas”, boicotando empresas, ou usando nossos cultos como forma de testemunho contra a injustiça.
- 2. Responder à pobreza e à desigualdade com uma generosidade radical** – Muitas pessoas já contribuem com o dízimo de sua renda, mas acreditamos que, em última análise, devemos aspirar a um padrão acima disso, dando até mesmo *todos* os rendimentos acima do nível do que realmente precisamos, assim como certificando-nos de que pagamos nossos impostos na íntegra. Com a riqueza, vem a responsabilidade, como disse Jesus: “A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido”. (Lucas 12:48).
- 4. Usar nosso poder como eleitor, cidadão e consumidor** – Os políticos muitas vezes assumem que a maioria de nós vota unicamente na base de mesquinhos interesses próprios. Mas, se uma massa crítica de pessoas for reivindicadora e visível na demonstração de valores mais altos, a mudança *virá* em seguida. Paralelamente a isso, há muito que podemos alcançar usando o poder que temos quando tomamos decisões sobre o que comprar e como investir.
- 3. Falar profeticamente** – Os cristãos têm sido frequentemente hábeis em aproveitar o poder do protesto positivo – de ativistas anti-escravatura, nos séculos XVIII e XIX, ao movimento dos direitos civis dos Estados Unidos na década de 1950 e 1960 e o *Jubileu 2000* –
5. **Viver de forma restauradora e priorizar as relações** – Uma das formas mais doídas da pobreza é o senso de identidade deturpado (o jeito pelo qual vemos a nós mesmos), algo que só pode ser curado através de *relacionamentos*. Cada um de nós pode usar seu tempo com enorme efeito restaurador sob esse aspecto, seja como pai ou mãe adotivo(a), mentor para os mais jovens, amigo(a) de pessoas idosas ou milhares de outras formas em que podemos nos tornar os “sacrifícios vivos” que Deus deseja que sejamos (Romanos 12:1).



Inundação do rio Tâmesis, em Lower Sunbury, em fevereiro de 2014 – o inverno mais chuvoso da Grã-Bretanha em mais de 200 anos.
Foto: Margaret Chandler/Tearfund

Dez ideias de política transformacional

Aqui estão dez exemplos de ideias de políticas transformacionais do tipo que, a nosso ver, contribuiria para uma economia restauradora em linha com os princípios do Jubileu. Focamos basicamente no que podemos fazer no Reino Unido, como ilustração do tipo de mudanças que, acreditamos, deveriam efetuar-se em todo o mundo:

1. **Criar uma economia circular** – através de incentivos poderosos para a eficiência dos recursos, garantindo que nada siga para o aterro e que, em vez disso, tudo seja reutilizado diversas vezes, em consonância com os desígnios divinos.
2. **Duplicar a produção de alimentos e reduzir à metade a intensidade de recursos com uma Revolução Verde do Século XXI** – acima de tudo na África, onde as safras da lavoura são muito mais baixas do que no resto do mundo. Fazer do aumento sustentável da produtividade agrícola uma prioridade no programa de ajuda internacional da Grã-Bretanha.
3. **Acelerar a transição para uma economia de "carbono zero"** – especialmente através da proibição da geração de energia a carvão até o início dos anos 2020's; acabando com subsídios para combustíveis fósseis (incluindo a taxa reduzida de IVA para eletricidade e gás); e introduzindo o teste de estresse de carbono obrigatório para os fundos de pensão e investidores institucionais.
4. **Fazer um acordo sobre um Jubileu do carbono** – através da definição de um orçamento seguro e global de emissões que garanta que o aquecimento médio global a longo prazo não exceda a 1,5° C. Esse orçamento deverá ser compartilhado entre os países na proporção de suas populações, numa base per capita – reconhecendo que o céu pertence a Deus, não a nós, e que isso criará uma nova grande fonte de financiamento do desenvolvimento – resultante do comércio, não de ajuda.
5. **Permitir que as necessidades básicas das pessoas pobres em todo o mundo sejam atendidas através da introdução de um piso de proteção social global** – incluindo cuidados com a saúde, educação, nutrição e segurança de renda básica. No caso dos países mais pobres ou mais fragilizados, o financiamento para isso precisará ser levantado internacionalmente.
6. **Transformar o Reino Unido em líder mundial no sentido de garantir que os mercados sejam benéficos para as pessoas pobres ao redor do mundo** – mantendo o compromisso de gastar 0,7 por cento da renda nacional em ajuda, o Reino Unido reforçaria isso com um maior enfoque em ajudar os países em desenvolvimento a criar ambientes onde o setor privado possa florescer.
7. **Ir mais longe no combate à evasão fiscal internacional** – aumentar a capacidade dos países em desenvolvimento para financiar o seu próprio desenvolvimento a partir de sua própria receita tributária e fazer muito mais para ajudá-los a recuperar do exterior bens que hajam sido roubados.
8. **Adotar uma postura de Jubileu na desigualdade** – com a implementação de medidas que deem expressão moderna aos princípios por trás da reorganização da posse da terra apregoada pelo Jubileu. Por exemplo, isso poderia ser feito através de uma tributação mais pesada e mais justa da propriedade (através de um imposto de valor do solo) e das transferências de riqueza (por meio da substituição do tradicional imposto sucessório por um imposto sobre receitas de grandes fortunas).
9. **Certificar-se de que o setor financeiro contribua para a prosperidade compartilhada** – e não a ameace – em particular, precisamos reduzir a capacidade de elevação dos níveis insustentáveis de dívida (ou alavancagem), por exemplo, através do aumento radical dos depósitos compulsórios para os bancos ou da criação de um novo alvo de alavancagem máxima para o sistema financeiro como um todo.
10. **Reequilibrar o sistema tributário em consonância com os princípios do Jubileu**, através do deslocamento da carga tributária para as atividades que mais desejamos *desencorajar* (tais como emissões de carbono, poluição, resíduos ou a excessiva concentração de riqueza) e seu afastamento das atividades que desejamos incentivar (tais como o trabalho).

Essas ideias são a nossa contribuição inicial. Algumas são novas, mas muitas são edificadas sobre pensamentos existentes e melhores práticas encontráveis em todo o mundo. Nós as desenvolveremos mais, à medida que nosso trabalho progredir nessa área – em particular, trabalhando com nossos escritórios nacionais, organizações parceiras locais e aliados para desvendar o que significariam os princípios do Jubileu em relação a políticas e práticas.

E temos de reconhecer com humildade que ideias como essas só serão aplicadas se porventura se tornarem o grito de convocação de um entusiasmado movimento para a mudança. Um grupo de pessoas dispostas a organizar suas vidas em torno dos valores do Jubileu, com a esperança de que outras as seguirão, assim como outras gerações de ativistas o fizeram no passado.

Portanto, esse é o nosso convite a você. Todos nós enfrentamos a tentação de evitar essas questões e fugir para as distrações oferecidas pelo mundo moderno. Em vez disso, nós o(a) instamos que leve essas questões a sério – que as discuta ao redor da mesa de jantar, na igreja, no trabalho, durante o café.

Nós achamos que os desafios triplos da pobreza, da sustentabilidade ambiental e da desigualdade são as questões definidoras do nosso tempo e que nossa resposta a eles deverá orientar como vivemos, como votamos, o que compramos e como oramos. Tentamos esboçar algumas coisas: o que está em jogo, como podemos mudar o futuro, uma base teológica para pensar sobre nosso momento extraordinário na história e um conjunto de ideias práticas para uma economia restauradora – uma economia governada pelos princípios do Jubileu.

Aonde vamos agora dependerá de todos nós: esperamos que você se junte a nós nesta jornada.



Foto: Chris Boyd/Tearfund

Junte-se ao movimento acessando o link: tearfund.org/campaigns
Leia o relatório completo em inglês no link: tearfund.org/restorative-economy

Este documento destina-se a promover a catalisação de um debate muito necessário sobre como moldaremos o futuro de nossa sociedade e de nosso mundo. As ideias encerradas nele são deliberadamente ousadas e radicais. Reconhecemos que alguns leitores poderão considerar indigestas algumas das recomendações neste relatório; outras poderão não ser praticáveis. Os detalhes estão abertos à discussão, mas cremos que está na hora de darmos início a uma conversa sobre essas questões vitais.

Os funcionários, voluntários, parceiros e curadores da Tearfund contribuirão, todos, para este relatório e apoiam seus princípios e objetivos gerais. Entretanto, este é um documento de discussão, destinado a desafiar e ampliar limites. Portanto, cada um dos que participaram da sua elaboração possui seu próprio ponto de vista sobre aspectos individuais e encontra-se, no momento, considerando sua resposta pessoal.

Referências

¹ Milanovic B (2012) *Global income inequality by the numbers: in history and now – An overview*, World Bank. Disponível on-line: <http://heymancenter.org/files/events/milanovic.pdf>

² Veja <http://www.un.org/millenniumgoals/childhealth.shtml> (acesso em: 10/11/2014)

³ Veja <http://www.ophi.org.uk/multidimensional-poverty-index/mpi-2014-2015/mpi-country-briefings/> (acesso em: 11/11/2014)

⁴ Rockstrom J et al (2009) 'A safe operating space for humanity', *Nature* 461, 472-475 (24 September 2009). Disponível on-line: <http://www.nature.com/nature/journal/v461/n7263/full/461472a.html> (acesso em: 05/11/2014)

⁵ Comprehensive Assessment of Water Management in Agriculture (2007) *Water for food, water for life: a comprehensive assessment of water management in agriculture*, Earthscan, London, and International Water Management Institute, Colombo

⁶ Oxfam (2015) *Having it all and wanting more*. Disponível on-line: <http://www.oxfam.org/en/research/wealth-having-it-all-and-wanting-more> (acesso em: 22/01/2015)

⁷ Tolstoy L (1869) *War and peace*, London

⁸ Wright C (2010) *Mission of God's people*, Zondervan, Grand Rapids, p55

⁹ Tan K (2009) *The jubilee gospel*, Authentic Media, United States

Salvo indicação em contrário, todas as referências bíblicas são provenientes de NVI

Autores: Alex Evans e Richard Gower

Agradecimentos especiais a Sue Willsher, Anna Ling, Paul Cook e Ben Niblett, da Tearfund.

Design de BlueMangoCreative

© Tearfund 2015

A Tearfund é membro da
Green Economy Coalition



tearfund

100 Church Road, Teddington TW11 8QE, Reino Unido
Tel. 020 8977 9144 E-mail enquiries@tearfund.org
tearfund.org